

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2007 comemora-se a publicação de duas obras que se colocam, indubitavelmente, como marcos na historiografia literária do Ocidente: *Les Fleurs du Mal* e *Madame Bovary*. O presente volume apresenta textos que retomam, de formas diversas, essas obras e seus autores, Charles Baudelaire (1821-1867) e Gustave Flaubert (1821-1880).

Em “Florações baudelairianas”, Antonio Donizeti Pires traça as linhas gerais que mostram a importância de *Les Fleurs du Mal*: a história da publicação, seus temas, o conceito de modernidade estética que ela inaugura. E o faz citando a opinião dos críticos, a herança que ela deixou, ilustrando sua apresentação com a análise de poemas não ainda esgotados em sua leitura e interpretação. Chimena M. S. de Barros vai se fixar, justamente, no conceito que o poeta tão bem definiu para a posteridade: “A *Modernité*, seus paradoxos e Charles Baudelaire”. A articulista aponta as diferentes dimensões do termo, que se liga, de um lado, à revolução industrial do século XVIII e aos movimentos de cunho social da primeira metade do século XIX; na esteira do romantismo, de outro, à revolução estética do final do século XIX, graças à obra de Baudelaire. É principalmente à crítica daquela modernidade que *Les Fleurs du Mal* se destina: rejeição do progresso, da massa, da tradição clássica, em nome de uma poesia que fosse o resultado do uso da imaginação e do intelecto, que se voltasse para a feia realidade em busca do belo que ele aí enxergou, como verdadeiro alquimista. O artigo seguinte, de Grace Alves da Paixão, tem por objetivo contrastar a imagem dissonante dos marginalizados urbanos em Baudelaire. Lembra ela que toda a crítica, desde a contemporânea do poeta à dos dias de hoje, está sempre evidenciando que *Les Fleurs du Mal* tem muito a dizer a seus herdeiros. Os conceitos de dissonância e de choque são examinados em “O poeta moderno e o mendigo”: duas atitudes literárias a partir da leitura de um poema de Hugo e de outro de Baudelaire que abordam essa temática de pontos de vista diferentes, evidenciando, pela comparação, algumas das inovações baudelairianas. Em “Os poemas de Baudelaire no romance de Le Clézio: da intertextualidade ao interculturalismo”, Ana Luíza Silva Camarani salienta, em meio à múltipla presença intertextual no romance *La Quarantaine*, as referências feitas a poemas de Baudelaire, em que o tempo, a luta contra o *spleen*

e o ideal, a morte, as correspondências que o poeta apreende entre a mulher e o espaço de eleição, a sensualidade feminina são temas que Le Clézio retoma à sua maneira. Observa a articulista que os diálogos do romance com os poemas de Baudelaire não se dão apenas no âmbito temático, visto que há uma fusão estilística entre os poemas e a narrativa que se mesclam naturalmente.

Sobre Gustave Flaubert encontra-se, inicialmente, neste volume, um texto que foi publicado como apresentação à tradução que a autora, Fulvia M. L. Moretto, fez de *Madame Bovary* para a Editora Nova Alexandria. Introduzindo rapidamente a história da produção do romance, ela lembra a longa lista, sempre crescente, de leitores e críticos que têm se dedicado a *Madame Bovary* desde sua publicação. Ela própria, em seguida, apresenta sua leitura comentada da obra, na qual analisa sua contribuição à história do gênero, suas personagens, a voz narrativa, seus temas, enfim, tudo o que faz de *Madame Bovary* o primeiro romance moderno, um misto de realismo, de arte pela arte e de romantismo sufocado pela vontade do autor. No artigo seguinte, “*Madame Bovary* e o realismo moderno de Flaubert”, Maria Adélia Menegazzo faz sua leitura do romance de Flaubert do ponto de vista das inovações que anunciam a forma espacial do romance moderno. Nele, o espaço ocupado pelas personagens e pelos objetos mudou em relação ao realismo anterior: a arte moderna deixou de lado a representação do tipo de espaço que os objetos reconhecíveis e tridimensionais costumam ocupar e, na literatura, há ênfase na metalinguagem e na consciência lingüística que permite que as coisas falem por si. Se até Flaubert a linearidade é a base da história vista como progressão no tempo, com ele a justaposição própria do espaço pictórico sobrepõe-se à sucessão de valor temporal. Outro artigo, sobre “Leitores de *Madame Bovary*” que apresento aos leitores de hoje, proporciona uma volta ao romance de Flaubert por meio da retomada dos ensaios de três escritores franceses (Charles Baudelaire, Guy de Maupassant e Marcel Proust) e do crítico norte-americano Edmund Wilson, que escreveram diversamente sobre ele. É possível perceber em nossos dias que, ao falarem do autor e de sua obra polêmica, esses críticos viram neles o que seria um eco da obra pessoal de cada um: a ironia, o ódio ao público, à sociedade, a admiração pelos seres excepcionais; a importância da observação e da análise e a descrição das paixões humanas; o estilo; a aproximação em relação ao marxismo.

O volume contém, ainda, artigos sobre “A poética de René Char: Intersecções míticas” e “*Brèves considérations sur Hamlet ou les suites de la piété filiale*” de Jules Laforgue. No primeiro, André Luiz Anselmi recorre a Cassirer, Barthes Borges e outros teóricos que veem no mito o uso de uma linguagem poética

originária. A partir disso, Anselmi quer mostrar que, ao romper com a linguagem usual, criando assim uma poesia fragmentada e marcada pelo caos, René Char aproximou-se dessa linguagem que se encontra no mito. Já Andressa Cristina de Oliveira apresenta uma novela em prosa de Jules Laforgue “*Hamlet ou les suites de la piété filiale*”, para demonstrar seus procedimentos paródicos, irônicos e poéticos. Como em seus poemas, percebe-se em sua prosa a mesma utilização dos temas e do estilo.

Guacira Marcondes Machado

